



Trabalho e trabalhadores da costura no cotidiano de Salvador no final do século XIX

Ana Victória Silva Borges

Mestranda em História Social (PPGH/UFBA)

 <https://orcid.org/0009-0006-8435-8684>

RESUMO

Este trabalho pretende fazer uma análise acerca do trabalho da costura na cidade de Salvador, no final do século XIX. A investigação parte dos anúncios presentes nos jornais, tendo em vista a acentuada quantidade de propagandas envolvendo o trabalho da costura. É visto significativa quantidade de casas comerciais que vendiam gêneros necessários para o ofício da costura, assim como, artigos de vestimenta prontos ou sob encomenda. É notado também anúncios de mão de obra especializada nesse ofício como alfaiates, bordadeiras e costureiras. O objetivo da pesquisa, portanto, é lançar luz sobre a costura enquanto um trabalho existente no cotidiano, destacar os espaços em que esse ofício era atuante e identificar os sujeitos ali presentes e as suas experiências.

PALAVRAS-CHAVE

Costura; trabalho; cotidiano.



Introdução

Este artigo pretende fazer uma breve análise sobre o trabalho e os trabalhadores da costura, durante os anos finais do século XIX, em Salvador. A intenção é mapear os lugares em que esse trabalho e esse ofício estão presentes e identificar quem são esses trabalhadores e as suas experiências, ou seja, dar destaque aos mundos do trabalho da costura. Para isso procuro entender de que maneira eles estão presentes no cotidiano, como eles estão ligados às construções de lugares sociais e como eles respondem aos aspectos próprios do período.

Essa noção que envolve *experiência* e *cotidiano* faz parte de uma importante perspectiva thompsoniana presente na História Social do Trabalho. Esse campo de análise contribui para a ampliação da imagem da classe trabalhadora, ou seja, ela deixa de ficar engessada na figura do homem branco operário e passa a ser múltipla, incluindo as imagens de outros trabalhadores, sejam eles homens, mulheres, crianças; sejam eles brancos, negros, mestiços ou indígenas. Indica, também, que as experiências a que os trabalhadores estão sujeitos vão além do chão de fábrica, caminham entre as ruas, entre as casas, entre a cidade e o campo¹. Dito isto, as possibilidades de análise sob essa perspectiva consideram marcadores sociais como raça, gênero e classe, assim como, mobilizam categorias explicativas como divisão sexual e/ou racial do trabalho.

¹ Sobre esse debate historiográfico ver: NEGRO, A. L. e SILVA, S. (orgs.) **E. P. Thompson. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. REIS, Tiago et al (org.). “Caminhos e perspectivas recentes da história social do trabalho no Brasil (2000-2018)” **Coleção história do tempo presente**. v. 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019. COSTA, Emilia Viotti da. **A dialética invertida e outros ensaios**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

É por essa abordagem que a pesquisa se desenvolve: há uma tentativa de ampliar a imagem da classe trabalhadora brasileira, destacando, dentro desse universo, o trabalho da costura enquanto uma ocupação tentacular, que toca em diversas esferas sociais e está muito presente no cotidiano da sociedade. Quanto ao contexto é importante apresentar que trata-se de um período marcado por conflitos e disputas que estavam desenhando o desmonte da ordem escravista e a inauguração da República no Brasil. E nessa atmosfera de incertezas, expectativas e projetos, foram mobilizadas experiências de controle e exclusão a partir do critério racial².

O primeiro lugar que destaco a presença do trabalho da costura é no setor de serviços do comércio urbano, através dos anúncios que constam nos jornais da época. Chama a atenção a grande quantidade de anúncios envolvendo o ofício da costura nos periódicos levantados, disponíveis na Hemeroteca Digital³. Aparece nos anúncios as propagandas de casas comerciais que vendiam artefatos úteis à costura como linhas, agulhas, tecidos, outras miudezas e, posteriormente, máquinas de costura. São vistos também propagandas que anunciavam a venda de roupas prontas ou por encomenda, como as oficinas de alfaiataria e de modistas. Esse recorte indica um significativo mercado consumidor e de trabalho relacionado ao ofício da costura.

No jornal *O Trabalho* (BA): 1892 são vistos anúncios de trabalho feitos por alfaiates, bordadeiras e costureiras, divulgando tais serviços. Francisco Justino,

² ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. ALBUQUERQUE, Wlamyra e SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **De que lado você samba? Raça, política e ciência na Bahia do pós-abolição**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021. ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; LONER, Beatriz; MONSMA, Karl (Orgs.). **Histórias do pós-abolição no mundo Atlântico: identidades e projetos políticos**. v. 1. Niterói : Editora da UFF, 2014.

³ Dentre os jornais analisados estão: *Correio do Povo: Órgão Doutrinário* (BA): 1891; *Cidade do Salvador* (BA): 1897/1899, *Diário da Bahia: O diário da Bahia é propriedade de uma Associação* (BA): 1889, *Diário de Notícias* (BA): 1888/1909. Disponíveis em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

por exemplo, aparece como alfaiate que tem uma oficina na Rua de São Pedro, número 16; na mesma página do periódico *Emiliana Bazarzeto de Oliveira* anuncia o seu trabalho de costureira e modista, nas Portas do Carmo, número 12⁴. Um dos aspectos interessantes desses anúncios de ofertas de trabalho é que consta o serviço oferecido, o endereço e o nome do trabalhador e da trabalhadora. Cabe destacar, então, que o nome dos homens estavam ligados a alfaiataria e o das mulheres a costura e ao bordado, indicando que os lugares de trabalho poderiam responder a categoria de gênero, moldando, em certa medida, a divisão sexual do trabalho para esse ofício.

A construção e demarcação dessa divisão nos mundos do trabalho são acionadas desde cedo com atividades consideradas de mulheres ou de homens direcionadas às crianças como aparato pertencente à formação educacional. Na documentação do Colégio de Órfãos do Coração de Jesus⁵, um estabelecimento de caridade destinado a receber e educar meninas órfãs e desamparadas aqui de Salvador, de meados do século XIX até 1889, consta em um dos estatutos da instituição que dentre as atividades realizadas ali estão: “aprender a ler, escrever, contar, doutrina christã, toda espécie de costura e bordado, marcar, fazer flores e todas as mais prendas proprias do seo sexo”. No documento de registros das internas é informado a quantidade de meninas e a cor delas, em seguida seus nomes, idades e as atividades que fazem. Constatam 12 brancas, 10 perdás, 5 índias, 5 cabras e 5 *criôlas*. Dentre as atividades que faziam estão: renda, costura, bordado, cortar, ler e escrever. Nessa documentação, portanto, interessa notar o segundo lugar em que o ofício e o trabalho da costura se fazem presente no

⁴ *O Trabalho* (BA), 06 de Março de 189. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=779938&pagfis=1>, acessado em: 10/10/2021.

⁵ Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Fundo do Governo da Província - Religião, Maço 5280. *Relatório - Colégio de orfaos Coração de Jesus*.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

cenário cotidiano da cidade: instituições de caridade e internatos para meninas. Fica evidente também o direcionamento do ofício da costura como tarefa ligada diretamente ao sexo feminino, como é dito no estatuto, e como essa tarefa está inserida nos hábitos, costumes e educação das meninas, desde muito cedo.

O terceiro lugar que destaco a presença do trabalho da costura é no setor de serviços domésticos. Nos anos próximos à abolição eram pautadas, pela elite senhorial, intelectual e política propostas que resolvessem a situação do trabalho, ou seja, estava em jogo o controle do trabalho e da vida dos trabalhadores. Dentre as propostas para controlar os trabalhadores está o edital de *Posturas sobre o serviço doméstico*⁶, que vigoraram de 1887 até 1893. Trata-se de um edital para a inscrição de pessoas, livres ou libertas, que tiverem, mediante salário, ocupação no serviço doméstico. Na primeira postura, dentre as 27, é indicado que a matrícula constará no livro de registro e estará sob responsabilidade da Secretaria da Polícia. Nesse mesmo parágrafo é definido quais são as ocupações habilitadas para tal matrícula, são: cozinheiro, copeiro, lacaio, cocheiro, costureira, engomadeira, ama seca ou de leite. Nas posturas seguintes constam itens que devem ser preenchidos no livro de registro, dentre eles estão: o nome do matriculado, estado, idade, sinais característicos e nacionalidade do inscrito, além do mais deve conter também se este é livre ou não, nesse último caso, deve conter a quem ele filia-se. Cabe destacar também que alguns sujeitos poderiam não se inscrever sob as seguintes justificativas: tiverem procedimentos criminais sem responderem a eles, menores e mulheres sem autorização dos seus responsáveis e maridos, respectivamente. Além disso, qualquer pessoa ocupada no serviço doméstico, inscrita ou não, deve comparecer à Repartição de Polícia

⁶ Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Fundo do Governo da Província, Maço 1417. *Posturas sobre o serviço doméstico*, Edital nº1 de 01/01/1887.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

uma vez ao ano, no mínimo, caso isso não ocorra estarão sujeitas a multa e prisão de dois dias. Essas *Posturas* indicam que era acionado o elemento da suspeição sobre os trabalhadores, era mobilizado a tentativa de registro e controle deles na seara policial⁷.

A categoria de trabalho da costura, que é o que de fato me interessa aqui, é identificado como trabalho doméstico e, por esse motivo, estava respondendo a todos os critérios citados anteriormente. Ou seja, segundo essa documentação, os trabalhadores domésticos da costura também foram alvo de projetos políticos que tentavam controlar e vigiar a classe trabalhadora. A documentação do registro de *Matrículas*⁸, me possibilita identificar quem são essas trabalhadoras, já que eram em sua maioria eram costureiras. A matrícula 1143 é referente a Maria Ignez da Conceição, filha de Rogério Barbosa e Cassiana, moradora da freguesia de Itapuã, com 23 anos de idade, solteira, brasileira; nas suas características físicas constam cor clara, estatura regular, rosto redondo, olhos pretos, sobrancelhas regulares, cabelos carapinhos, nariz chato, boca grande, lábios grossos; essa costureira está alugada para trabalhar na casa de Pedro Teixeira de Souza, na rua Carlos Gomes. A matrícula 1235 é referente a Maria Júlia, filha de Ignez da Conceição, natural da cidade de Salvador, com 24 anos de idade; nas suas características físicas constam cor parda, estrutura regular, rosto redondo, olhos pretos e vivos, sobrancelhas regulares, cabelos crespos e preto,

⁷ Ver mais sobre os desdobramentos das *Posturas sobre o serviço doméstico* em: BARRETO, Marina Leão. **Criada, não, empregada!: contrastes e resistências sob a vigília dos patrões na regulamentação do trabalho doméstico livre ao final do século XIX em Salvador**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2018. SILVA, Maciel Henrique Carneiro. **Domésticas criadas entre textos e práticas sociais: Recife e Salvador (1870-1910)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2011.

⁸ Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Fundo de Polícia, Maço 6506, *Matrículas de trabalhadores domésticos* - avulsas, 1887.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

nariz um pouco grosso, boca regular; sabe ler; essa costureira está alugada para trabalhar na casa de Virgílio Ramos Gordilho, na rua da Victória, 345.

Retomo, por fim, alguns pontos principais: apesar de aparecer nas documentações apresentadas aqui, a forte presença de mulheres, não era um ofício determinadamente, nem exclusivamente feminino. Os homens também exerciam este ofício e este trabalho da costura, porém, era corrente a identificação deles como alfaiates. Outro ponto: O primeiro lugar em que o trabalho da costura é visto são nos *jornais*, através dos anúncios, que indicam que é um trabalho feito tanto por homens quanto por mulheres, assim como, indicam a pertinência dele no cotidiano. O segundo lugar é na documentação do *Colégio de Órfãos do Coração de Jesus*, enquanto constitutivo na formação educacional de jovens meninas, o que revela demarcações de gênero para o ofício. O terceiro lugar que o trabalho da costura é visto são nas *Posturas sobre o serviço doméstico* e nas *Matrícula de trabalhadores domésticos*, indicando que o trabalho da costura estava associado ao serviço doméstico e que por isso também sofria os efeitos das represálias do Estado que tentava controlar e disciplinar os trabalhadores em meio ao período da abolição.

Estudar o trabalho da costura, no Brasil, especialmente em Salvador, na Bahia dos anos finais do século XIX, pode aumentar o leque da multiplicidade dos mundos do trabalho e das experiências dos trabalhadores e trabalhadoras⁹.

⁹ A bibliografia que auxilia essa pesquisa, cujo objeto são os trabalhadores da costura, em sua maioria faz parte dos estudos latino-americanos, especialmente de pesquisas argentinas, dentre elas estão: MITIDIÉRI, Gabriela. **Costureras, modistas, sastres y aprendices: Una aproximación al mundo del trabajo de la aguja, Buenos Aires, 1852-1862**. Mar del Plata: EUDEM, 2021. PASCUCCI, Silvina. **Hilo y aguja. Evolución de los procesos de trabajo en la Industria de la Confección (1890-1940)**. Tesis presentada con el fin de cumplimentar con los requisitos finales para la obtención del título Licenciatura de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires en Historia. 2006. Para o Brasil, dentre outros, tem: MONTELEONE, Joana. “Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920)”. **Revista Estudos Feministas**. v. 27. n. 1. 2019.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

Recortar esse período possibilita compreender de que forma esses sujeitos se relacionavam e viviam sob a ideia de serem vistos como problema a ser sanado pelas autoridades políticas, intelectuais e policiais, e ainda assim, agiam e se refaziam sob o horizonte de resistência, liberdade e autonomia. Contribui também para entendermos como eles eram necessários para o funcionamento do Estado e para a economia capitalista moderna pautada no trabalho enquanto determinante da vida dos sujeitos.



Referências bibliográficas:

ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; LONER, Beatriz; MONSMA, Karl (Orgs.). **Histórias do pós-abolição no mundo Atlântico: identidades e projetos políticos**. v. 1. Niterói : Editora da UFF, 2014.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. e SAMPAIO Gabriela dos Reis. **De que lado você samba? Raça, política e ciência na Bahia do pós-abolição**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021.

BARRETO, Marina Leão. **Criada, não, empregada!: contrastes e resistências sob a vigília dos patrões na regulamentação do trabalho doméstico livre ao final do século XIX em Salvador**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2018.

COSTA, Emilia Viotti da. **A dialética invertida e outros ensaios**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MITIDIERI, Gabriela. **Costureras, modistas, sastres y aprendices: Una aproximación al mundo del trabajo de la aguja, Buenos Aires, 1852-1862**. Mar del Plata: EUDEM, 2021.

MONTELEONE, Joana. "Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920)". **Revista Estudos Feministas**. v. 27. n. 1. 2019.

NEGRO, A. L. e SILVA, S. (orgs.) **E. P. Thompson. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

PASCUCCI, Silvina. **Hilo y aguja. Evolución de los procesos de trabajo en la Industria de la Confección (1890-1940)**. Tesis presentada con el fin de cumplimentar con los requisitos finales para la obtención del título Licenciatura de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires en Historia. 2006.

REIS, Tiago et al (org.). “Caminhos e perspectivas recentes da história social do trabalho no Brasil (2000-2018)” **Coleção história do tempo presente**. v. 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019.

SILVA, Maciel Henrique Carneiro. **Domésticas criadas entre textos e práticas sociais: Recife e Salvador (1870-1910)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2011.

Referências documentais:

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional:

Correio do Povo: Orgão Doutrinário (BA): 1891

Cidade do Salvador (BA): 1897/1899

Diario da Bahia: O diario da Bahia é propriedade de uma Associação (BA): 1889

Diario de Noticias (BA): 1888/1909

O Trabalho (BA): 1892

Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB):

Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Fundo do Governo da Província, Maço 1417. *Posturas sobre o serviço doméstico, Edital nº 1 de 05/01/1887*.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Fundo do Governo da Província -
Religião, Maço 5280. *Relatório - Colégio de orfaos Coração de Jesus.*

Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Fundo de Polícia, Maço 6506,
Matrículas de trabalhadores domésticos - avulsas, 1887.